

**X CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA**

REALIZADO NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO D. F.  
DE 7 A 16 DE SETEMBRO DE 1944

**ANNAIS**

**VOLUME III**



1952

SERVIÇO GRÁFICO DO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA  
RIO DE JANEIRO





## NOTA

Algumas das teses constantes do presente volume ressentem-se da falta de ilustrações que as completariam, sentindo-se mesmo, pela sua leitura, sua ausência.

Explica-se esta lacuna pelo fato dos originais de alguns trabalhos não virem acompanhados das ilustrações citadas no texto, ou necessárias ao seu perfeito entendimento; e outros, não obstante serem acompanhados de fotografias, mapas, diagramas, etc., êstes não se prestaram à reprodução sendo, por isso, desprezados pela comissão especialmente organizada para selecionar a matéria a ser publicada.

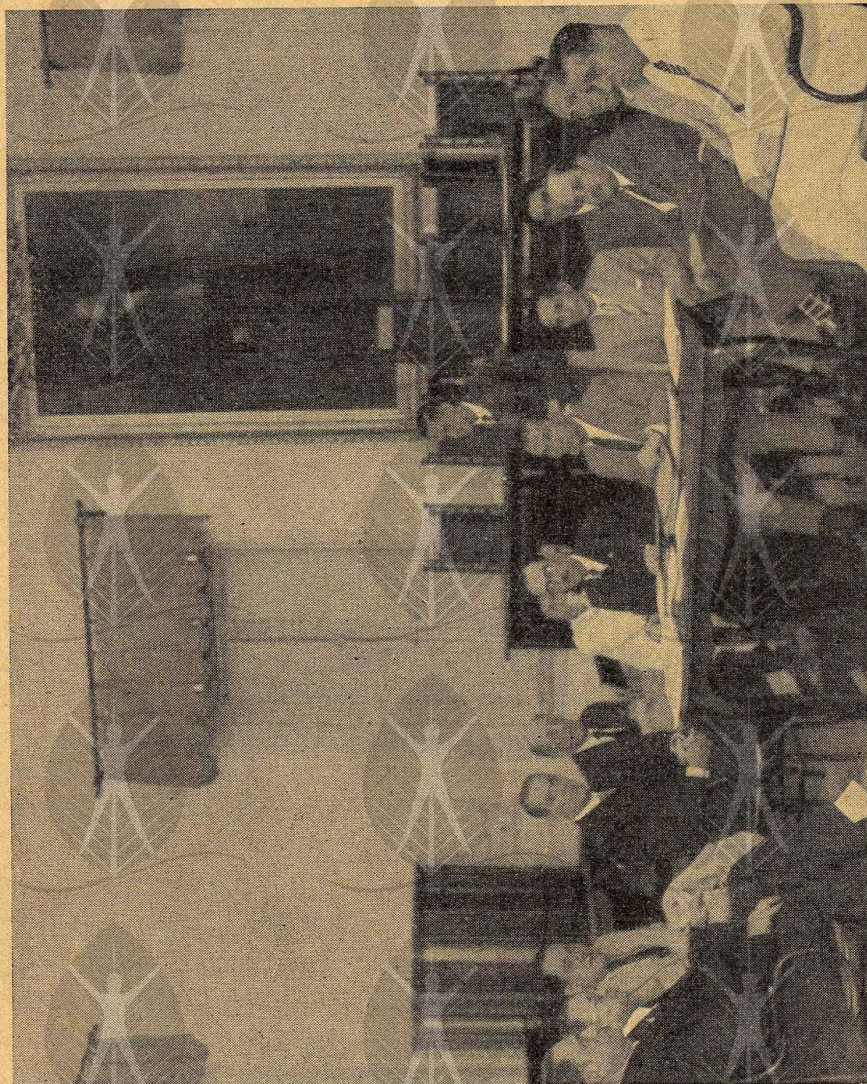




TRABALHOS DA 5.<sup>a</sup> COMISSÃO

GEOGRAFIA HUMANA





*Membros da 5.ª Comissão Técnica*



## PERFIL DO HOMEM DA AMAZÔNIA

AGNELO BITTENCOURT

### O MEIO FÍSICO: INFLUÊNCIAS DETERMINISTAS

*Panoramas* — Não existe igualdade no seio da natureza, sobretudo no contexto da superfície da Terra.

Há profundas semelhanças e algo de simetria no aspecto geral de uma planície. Mas, examinando-se os pormenores, cada zona em particular, notaremos desenhos próprios, com seus panoramas característicos, campos ou florestas, terras altas ou baixas, várzeas ou chavascas, todos com a sua flora, e, por isso mesmo, com a sua fauna diferente.

Cada pequena região é um microcosmo, oferecendo ao naturalista, ao geógrafo, ao militar e ao sociólogo (quando a terra habitada), interessantes particularidades a influir nas diretrizes demográficas dessa região.

Muito já se tem escrito sobre a Amazônia, êsse mundo que, segundo EUCLIDES DA CUNHA, se desdobra no infinito e se esconde atrás de si mesmo. Mas, ainda há espaços para se acrescentar mais as seguintes palavras:

A bacia amazônica está encravada entre o sistema orográfico Parimo-Guiano, ao norte e noroeste; o Andino de Colômbia, Peru e Bolívia, ao oeste; e o Planalto Central do Brasil, pela parte do sul. É inclinada suavemente para o Atlântico.

As cotas da altitude, no Estado do Amazonas, positivam a feição de "baixadas". Basta verificar que Manaus afastada do oceano 1 722 quilômetros, está 28,190 metros sobre o nível do mar. Tabatinga, na fronteira com a Colômbia, a 3 200 quilômetros (segundo o barão de LADÁRIO), está a 75 metros, na grimpada em que se acha o forte. Todavia, ao nível médio das enchentes, apenas a 45 metros (conforme TORQUATO TAPAJÓS).

O ponto em que nasce o Javari encontra-se a 250 metros (CRULS). A nascente do Juruá, a 4 957 quilômetros de Belém, no cêrro das Mercês, está a 453 metros de altitude (general BELARMINO DE MENDONÇA).

Pôrto Velho, no rio Madeira, não alcança metade desta cota. Na parte setentrional do vale, em tôda a bacia do rio Branco, na fronteira com a Venezuela e Guiana Inglesa, encontram-se os pontos mais altos das terras amazônicas. Temos a convicção de que, em média, compreendendo todos os quadrantes do Estado, não chega a 50 metros a altitude da planície.

Não possuímos ainda uma carta hipsométrica em que as curvas de nível possam assinalar as insignificâncias dos outros pontos de uma das zonas mais baixas do mundo, um território imenso, semi-aquático, em que, cêrca de metade de sua superfície, vive, durante mais de um mês, em cada ano, mergulhada no dilúvio das enchentes.

Os relevos não passam de serras de pouca elevação, que não constituem um sistema orográfico distinto. São "terras firmes" que vêm da aludida cordilheira Parimo-Guiana, como extensos contrafortes que alcançam a margem esquerda do rio Amazonas, cuja correnteza os decepa, constituindo as barrancas avermelhadas, quase a prumo, que notamos, de longe em longe, ao transitar o grande caudal.



*Mas, três circunstâncias depõem contra essa imigração no Brasil:*

1.º — *O japonês é de raça amarela, com características, tendências, religião e hábitos tradicionais que se não fundem nem identificam com os dos brasileiros;*

2.º — *O japonês é inassimilável pela população local, vivendo fechado em seus círculos econômicos e sociais, constituindo, portanto, espécies de quistos raciais, o que é absolutamente contrário aos interesses do país;*

3.º — *É um povo imperialista, e ficou provado que os que aqui chegaram e se estabeleceram, com raras exceções, permaneciam sujeitos a uma disciplina nacional e militar, prontos a agir contra o Brasil se lhes fôsse dada ordem a tal respeito.*

*O sentido político imperialista da imigração japonêsa é assunto por demais esclarecido para que precisemos alongar êste comentário. Por isso mesmo entendo que se não devem tomar em conta aquêles elementos postos em ressalto pelo Dr. JAIR ROCHA BATALHA, nem abrir mão depois da guerra das precauções e reservas que o govêrno brasileiro tomou a propósito dessa corrente imigratória estrangeira, tendo em vista a segurança nacional no presente e no futuro.*

*Concluo êste relatório propondo a publicação da tese nos Anais do X Congresso Brasileiro de Geografia.*

JOSÉ GABRIEL LEMOS BRITO  
Relator



Entre essas terras, que desafiam o entumescimento das águas, nos grandes invernos, encontramos os “varzeados”, que, ao contrário das “terras firmes”, se deixam transformar em infinitos “igapós” ou seja a floresta invadida pelo rio ou pelos lagos.

Como a cordilheira, que se expandiu em ramificações pouco elevadas, mas extensíssimas, cortando o seio da planície, assim, também, é o rio e, como êste, os seus afluentes, talhando as terras por braços pouco profundos e cobertos pelo arvoredado. Tipo de baixada *sui generis*. Nada tem de semelhante às *jungles* da Índia, aos *pampas* da Argentina, ao *chaco* do Paraguai, aos *llanos* da Venezuela.

No aspecto das terras, ou melhor, na sua forma horizontal predomina a permistão dos trechos de margens, ora altas e curtas, ora baixas e extensas. A diferença não é tão dispare, que chegue a impressionar. Daí, alguns visitantes afirmarem que o Amazonas é de uma natureza monótona, enfastiante.

O fato tem a sua causa na visão do conjunto, atendendo a grandiosidade das matas, que cobrem compactamente, cerradamente, o solo, apenas permitindo distinguir a ondulação da interminável umbrela verde, que se esconde sempre “atrás de si mesma”.

Convém ponderar que as “terras firmes”, melhormente caracterizadas pelos referidos contrafortes e repetidas na parte meridional da planície, pelas ramificações do sistema orográfico brasileiro, não definem sempre o *divortium aquarum* da rede potamográfica. Tão fácil é passar-se de um afluente a outro, da mesma margem, na época das enchentes, por meio de canais ou furos.

De um certo trecho do rio Negro, acima de Barcelos, os índios passam para o Japurá, mesmo ao tempo das vazantes, onde vão fazer, nas praias dêste rio, a colheita de ovos de tartaruga.

Do curso médio do Madeira vai-se ao curso médio do Purus, em canoas, viajando sob a cobertura espessa da folhagem. No rio Negro, em frente a Manaus, varando a floresta e em curta viagem, chega-se ao Solimões, no lugar Arapapá. Do Ucaiale, no Peru, transpondo a suposta serra do Contamana, por “varadouros”, os caucheros peruanos alcançam, em suas ubás arrastadas por terra, o curso do alto Purus.

O fato repete-se em muitos outros pontos da planície.

É que as “divisas das águas” entre rios caudalosos, na bacia amazônica, são, em grande número de setores, uma expressão geográfica indefinível, sem valor na distribuição das vertentes.

É êsse tipo de planície, da “selva selvaggia”, conjugado ao regime das chuvas predominantes, de novembro a junho, que determina o fluxo e o refluxo nos paranás, ora levando a contribuição do rio principal para o afluente, ora dêste para aquêle. Perfeita endosmose potâmica. O Solimões manda suas águas, pelo Auati-Paraná, para o Japurá. O rio Amazonas, na zona do baixo Nhamundá, envia sua contribuição, pelos paranás do Caldeirão, Bonjardim e outros, através do paraná de Sapucúá (que é o verdadeiro curso do Nhamundá), para o Trombetas.

Isso mostra que a natureza também assinala seus paradoxos...

Em síntese, podemos dizer que a Grande Planície é um complexo de “firmes” e “varzeados”, fixando a constante ondulação do solo, que é, salvo as zonas de campos, coberto pela floresta mais compacta e luxuriante do mundo.

Na fisiografia das terras amazônicas, não é demais notar-se aquela simultaneidade, como os seus antagonismos, *vis-à-vis*, nas duas margens do Rio-Mar.



Assim, quando se vê, em uma das ribas, "terras firmes", na margem oposta dominam as aluviões, êsses varzeados. Raros são os trechos em que, de lado a lado, a fácies geológica é a mesma.

*O solo da planície* — O autor de *Os Sertões*, com a sua visão penetrante e descortinadora, dá a entender que a Amazônia é a terra mais moça do planêta, o último *stratum* do Gênesis, o fruto imaturo de uma convulsão que ainda não terminou: o derradeiro estertor do caos netuniano.

Assim parece.

A bacia do Amazonas revela, na sua constituição sedimentária, o apagar das luzes do período plioceno, um mundo novo dentro de um mundo velhíssimo. DERBY, KATZER, AGASSIZ, explicam-nos, sobejamente, a transformação telúrica. Não há lugar aqui para a repetir.

Tudo, realmente, indica que uma grande parte da Terra ainda não começou a sua estratificação. Talvez, como fizemos notar anteriormente, 50 % do solo amazônico são aluviais, que as correntezas e as enxurradas vão erodindo, numa perene construção e destruição, livrando-se, do torvelinho, apenas as superfícies afastadas das margens.

Pela designação local de várzea ou varzeados (os caboclos chamam "varja") entende-se tôda a terra que o transbordamento mergulha, numa parte da estação chuvosa.

As várzeas são inseguras. Extraordinariamente permeáveis, roídas pelas correntezas e solapadas pelo movimento das águas do subsolo, elas desabam constantemente; formam as "terras caídas". As margens abarrancam-se. Mas, atrás das grandes curvas dos rios, formam-se as "praias" ou bancos de areia que, sòmente, emergem nos verões ou seja, na zona central da planície, de setembro a fevereiro. Essas terras sedimentárias e frouxas conservam sua estabilidade, enquanto a correnteza não destruir a extrema superior da curva de proteção.

Como no solo da Holanda, as várzeas não suportam construções pesadas, a menos que um sistema de *piloti* ou estacaria profunda, com os topos ligados a cimento, sirva de base ao edifício.

Não são muitas as terras baixas, que escapam às alagações. Nas grandes enchentes, fato que ocorre em anos ainda não previstos cientificamente, as "várzeas altas" escapam ao dilúvio, mas ficam reduzidas a restingas muito estreitas, que se alongam tangentes aos rios, embora decepadas, aqui e além, por braços que se comunicam com o igapó.

Os rios erguem, em forma de dorso, as suas próprias margens, pois, para além de 100 a 200 metros, tudo é água, mesmo ao tempo das pequenas enchentes.

O rei dos rios divide a Grande Planície em duas partes desiguais, no sentido de oeste-leste, sendo maior e mais alagadiça a meridional.

De permeio, como ilhas alongadas no seio de um oceano de água doce, permanecem as "terras firmes", que marcam a ondulação da floresta. As mais altas não vão a mais de quatrocentos metros.

As zonas dos rios Branco e Negro são as mais abundantes de terras firmes. Quanto mais se aproximam dos limites da Venezuela e da Guiana Inglesa, menos numerosas são as soluções de continuidade. E as citadas ondulações acentuam-se em grimpas tantas vezes inacessíveis.

*Climatologia* — A Amazônia Brasileira desdobra-se na zona equatorial, estendendo-se, no hemisfério setentrional, até a serra de Roraimã, na fronteira com a Guiana Inglesa, e no hemisfério meridional, além de 9°, nos limites do Estado



do Pará com o de Mato Grosso. No sentido leste-oeste vai do Atlântico às divisas com o Peru e Colômbia.

Embora se trate de uma planície, com a sua identidade geográfica, o clima não é uniforme no quadro da temperatura, da umidade, da evaporação, da nebulosidade, da ventilação etc. Há diferenças, no tempo e no espaço.

O calor não é sufocante, como parece indicar aquela situação. Regista-se, em média, uma temperatura de 27° centígrados.

No Amazonas, que pouco difere do Pará e Acre, os meses mais quentes são os de setembro, outubro e novembro, em que o termômetro vai a 28.º centígrados.

No período de 1930-1939, em Manaus, a máxima ocorreu a 3 de outubro de 1935, na qual se registaram 37,8° centígrados. E a mínima, no mesmo decênio, se deu a 21 de junho de 1933, com 18,2.

Convém, desde logo, observar que o “equador térmico” passa muito longe da Amazônia, no mar das Antilhas, fazendo que as costas da Venezuela sejam mais quentes do que a zona em que nós achamos, cortada pelo “equador geográfico”.

A temperatura nesta parte do nosso país está longe de merecer o nome de “tórrida” ou causticante.

O clima é quente e úmido, sendo que várias causas concorrem para atenuar sua temperatura, causas que jazem despercebidas para quem desconhece o “ambiente” da região.

O estado higrométrico da atmosfera, devido à forte evaporação que se opera durante a canícula, originando a nebulosidade muito acentuada no inverno (novembro a junho), concorre para que os raios solares, interceptados pelas nuvens, cheguem amenizados à superfície.

A exposição da grande planície aberta para o Atlântico, de onde vêm os alíseos ou “ventos gerais”, é outro fato favorável à atenuação da temperatura.

As grandes florestas, fechadas, compactas, formando um lençol apenas interrompido pelos cursos dos rios, paranás e o pontilhamento dos lagos, constituem um elemento natural de defesa contra a incidência da referida canícula.

O movimento das águas do Amazonas e dos seus numerosos afluentes, embora espelhando-se ao sol, mas não permitindo aquecer a sua vultosa massa, também atenua a temperatura, havendo uma diferença de calor, entre as águas e o ar atmosférico de, aproximadamente, 3 graus.

A temperatura mais elevada verifica-se, à tarde, entre as 14 e as 16 horas. As madrugadas são amenas.

Praticamente, conforme a denominação local, na Amazônia, há duas estações: uma chuvosa, o “inverno”, que vai, como dissemos acima, de novembro a junho; a outra, o verão, que se estende de julho a outubro. Na primeira, as descargas pluviométricas são quase constantes; na segunda, diminuem sensivelmente.

No primeiro período, entumescem os rios, que se derramam pelos igapós. No segundo, é a vazante, deixando que as margens dos rios se transformem em lindas praias ou pedreiras.

No decênio de 1930-1939, o pluviômetro acusou as quedas máximas em 2 672,8 em 1939; e as mínimas em 1m 649,5, em 1932.

As “trovoadas de verão” são rápidas. Desabam geralmente à tarde, nos dias mais quentes. Não chegam a ser furacões, mas derrubam árvores e chegam a naufragar as pequenas embarcações.



As cerrações são comuns, nos lugares de mais intensa umidade, máxima nos rios Purus, Juruá e Javari, impedindo que os "gaiolas" possam viajar à noite.

*Recursos naturais* — As imensas florestas da Amazônia, de uma complexidade inigualável, fornecem muitos produtos. São êstes as fontes dos recursos econômicos da região e a origem do seu povoamento. Há cêrca de um século, entravam os "regatões" à cata de "drogas", designativo das plantas medicinais (salsaparrilha, puxuri, copaíba, tamaquaré etc.), ao par da seringa, do pirarucu sêco, da castanha, da mixira que começavam a figurar nas estatísticas de exportação. Passaram os tempos.

De tal sorte se valorizaram a borracha e a castanha, que provocaram uma constante imigração, para ficarem quase esquecidas as drogas.

Hoje (1943), em conseqüência da invasão japonêsa nas terras gomíferas do Oriente, a borracha da Amazônia veio alcançar um lugar privilegiado no comércio da região. É o recurso por excelência, pela sua alta e excepcional recompensa ao trabalho.

Abandonam-se outras formas de atividade, para todos se lançarem em busca do velocino da felicidade. Atravessa-se um período de intensas especulações, tôdas tendo como grande base a produção da borracha, sobretudo para o serviço da guerra. E, êsse motivo promete perpetuar-se por décadas, certos de que nos achamos da mudança, definitiva do maior centro de produção e abastecimento da *hevea*, do Oriente para a Amazônia, voltando, assim à casa paterna, de onde fugira, como o filho pródigo da fábula.

Outros recursos econômicos as nossas florestas oferecem ao comércio e às indústrias, tais como óleo de pau-rosa, a balata, as madeiras, a piaçaba, o chicle, a copaíba, a salsa, o puxuri, o cumaru, a jarina. E de agricultura, o cacau, a juta, o guaraná, a farinha d'água, as frutas, sobressaindo a banana.

Os rios e lagos são abundantes de peixes, destacando, pelo seu tamanho e sabor, o pirarucu, que constitui um dos maiores elementos da alimentação amazônica. A tartaruga, outrora em grande quantidade, vai rareando, em conseqüência da constante e vandálica destruição da espécie.

Entre os recursos naturais, de que vive o comércio, distingamos as peles e os couros, resultado das caçadas no seio das pujantes florestas amazônicas.

Pode-se dizer que a flora e a fauna, quer a terrestre, quer a aquática, são os fundamentos da vida econômica do Amazonas, Pará e Acre, pois a agricultura e as indústrias se realizam em pequena escala. É que a natureza atrai, de pronto, o braço trabalhador, recompensando-o largamente, sem a demora indispensável a quem lavra e semeia a terra, precisando esperar (agindo sempre) pela produção de suas roças ou pomares.

Enquanto o mundo vegetal e as águas se constituírem, com as suas variadas matérias primas, o celeiro da população rural, predominará a eventualidade das safras, ora abundantes, ora precárias, e, com elas, as incertezas do comércio.

Enquanto, em geral, as florestas e as águas são os imperativos da vida crematística, envolvendo os interesses de quase tôda a gente da Amazônia, há regiões em que outros fatores da riqueza natural predominam. Assim, no município amazônico de Boa Vista, o ouro e os diamantes, nas serranias fronteiras da Venezuela e Guiana Inglêsa, formam outro ambiente econômico, ao par da indústria pecuária, contendo perto de duas centenas de milhares de cabeças. O ouro na região do Gurupi, nos limites do Pará com o Maranhão, também faz desviar das florestas e das pescarias milhares de indivíduos.



Pelo que acabamos de expender, infere-se que a terra é, por enquanto, uma escusa nas preocupações e atividades do homem da planície, porque o mundo vegetal e as águas absorvem os giros dos seus negócios e as esperanças de sua felicidade. O elemento líquido com a sua abundância de peixe, e as matas, com as suas essências e animais, fazem-se os mananciais, a fonte perene dos seus recursos.

### OS ABORÍGENES

O Amazonas, como outras regiões do grande vale, ainda possui um crescido número de selvagens vivendo em plena floresta, no seu estado primitivo, arredios da civilização. Contavam-se por dezenas de milhares, pelo meado do século XIX, conforme testemunho de viajantes ilustres nacionais e estrangeiros, que estudaram as cousas amazônicas.

Muitas tribos temidas outrora, são formadas de “índios mansos”, já se achando localizados, constituindo famílias, tendo suas roças de mandioca, macaxeira, milho, como permanecendo em constantes relações com os regatões.

Desapareceram alguns desses agrupamentos, pela fusão lenta com os invasores, sendo inegável que a população ameríndia da Amazônia, por que o mesmo fato etnográfico se está processando no Pará, Acre e noroeste de Mato Grosso, tem seus dias contados, possivelmente dentro de meio século. A onda avassalante dos castanheiros, balateiros, caucheiros e de outros exploradores da floresta virgem, vai-se amalgamando nas tribos, fazendo dos selvagens seus “fregueses” e “trabalhadores”.

Ainda é ponto controvertido o saber-se a origem da raça ou das raças que, em tempos bem recuados, vieram habitar as margens do grande rio e dos seus numerosos tributários.

COUTO DE MAGALHÃES, um dos nossos mais profundos etnólogos, pensa que não são autóctones... Vieram da Ásia, trazendo já uma cultura intelectual condicionada no período da pedra polida, pois não foram aqui encontrados instrumentos probantes de capacidade mais rudimentar.

Em nosso Instituto Histórico e Geográfico, possuímos uma coleção de 160 machados de pedra, alguns de tribos que não mais existem. Nenhum deles é de pedra lascada. Em quase todos, o desenho, a perfeita simetria e acabamento indicam perícia e gosto artístico. A língua estava na sua fase aglutinativa.

Os aterros e os restos de vasilhas de barro, com sua ornamentação imitando os traços da arte helênica, na ilha de Marajó, bem indicam que ali viveu um povo, os Neengaibas, emigrados de muito longe, em um período muito afastado. O estilo *marajoara* positiva um estado de civilização em que a arte já era uma aliada dos utensílios de cozinha, muitos séculos antes do descobrimento da América.

O referido COUTO DE MAGALHÃES acredita na antigüidade de penetração do homem em nossas terras, sem dúvida alguma na Amazônia. “Embora seja, por enquanto, impossível conhecer, com precisão, o espaço de tempo que decorreu do aparecimento do homem no Brasil, até os nossos dias, contudo parece fora de dúvida que há mais de cem mil anos que êle aqui existe, tendo-se em consideração que os sedimentos da época quaternária deveriam ter consumido muito mais tempo do que isso para serem depositados”. (*O Selvagem*, 3.<sup>a</sup> edição, pág. 81).

Pelo estudo das línguas indígenas faladas no Brasil, à época da chegada dos portugueses, chegou-se à conclusão da existência de dois grandes grupos ou nações: uma a dos *Tupí-Guaranis*, ocupando todo o litoral; a outra, a dos *Tapuias*,



o interior. Investigações posteriores, melhor orientadas, no progresso da ciência etnográfica, dividiram em quatro êsses grupos: os Tupis, e os Gês, os Caraíbas e os Nuaruaques, êstes dois últimos na Amazônia. Os Caraíbas desceram das Antilhas, em marcha para o sul, dominando a parte oriental do vale: os Nuaruaques, vindos das encostas andinas, em caminho para leste, varando as *yungas* da Venezuela, Peru e Bolívia, assenhorearam-se da parte ocidental da grande bacia. Povos emigrados, vencendo as dificuldades de uma jornada multissecular, através de montanhas e caudais, florestas pantanosas e campos dilatados, os Caraíbas e Nuaruaques deveriam ter a alma caldeada no sofrimento, na luta perpétua contra a natureza.

Os encontros, que tiveram nas margens do "Rio-Mar", uns descendo-o, direção do oceano, outros atravessando-o, rumo do Planalto, tudo pela posse da terra, foram sem dúvida, sangrentos e prolongados, para a conquista definitiva dos seus arraiais.

Os referidos povos, cada qual na sua gleba imensa, desdobraram-se em numerosas tribos, não havendo, entre elas, nenhum laço de confederação governativa. Apenas vínculos espirituais, traduzidos nas lendas, na língua, nos hábitos, nos costumes, nas superstições etc. diferenciados mais pelo tempo do que pelo ambiente. BARBOSA RODRIGUES, nas suas largas e brilhantes pesquisas indianistas no Amazonas, verificou, por exemplo, que a lenda do curupira é conhecida tanto no rio Negro, como no Madeira; tanto no alto Solimões, como no baixo Amazonas. Porém, cada tribo, no seu panteísmo, recita-a com pormenores diferentes (*Poranduba Amazonense*).

A língua geral é, até hoje, o traço mais forte, o vestígio de uma união de grupos, que se constituíram, mais tarde, sem restringir seu nomadismo ao longo das margens dos seus rios, lagos e paranás. Fala-se o nheengatu entre os antigos habitantes de Maués, como no alto rio Negro, separados, êsses municípios, por milhares de quilômetros.

Sejam mongóis, como acreditam uns, sejam cários, como pensam outros, os primitivos selvagens do Amazonas não positivam a sua procedência, os seus cruzamentos, as suas adaptações até os nossos dias.

Tôda a ciência do citado COUTO DE MAGALHÃES, de HUMBOLDT, MARTIUS, SAINT-HILAIRE, CASTELNAU, HARTT, LADISLAU NETO, VON DEN STEINEN, FERREIRA PENNA, CAPISTRANO DE ABREU etc., ainda não projetou luz suficiente sôbre o caso.

Até o caminho das migrações também é incerto. Um dos nossos mais competentes etnólogos, o Dr. ROQUETE PINTO, na sua erudita conferência intitulada "Aborígenes e Etnólogos", depois de longamente dissertar a respeito do assunto, indaga: "Afiml, que sabemos dos nossos aborígenes? Das suas origens e das suas pretendidas migrações, prefiro não tratar aqui: teria de desenrolar uma longa fieira de fatos e teorias, uns favoráveis ao autoctonismo, outros favoráveis à imigração asiática, ou mesmo oceânica.

No fim de tudo, verificar-se-ia que ninguém pode ainda, razoavelmente, concluir em favor de uma ou de outra hipótese. Todavia, é indiscutível que o tipo antropológico mais parecido com o geral dos nossos índios se encontra precisamente entre os "amarelos" cruzados da Malásia conforme VIRCHW o demonstrou (*Anais da Biblioteca Nacional*, vol. XXXV, págs. 101 — 1916).

Deixemos as brumas que envolvem, no passado, a questão da origem e incursões dos nossos ameríndios. Vejamos, em síntese, uma notícia a seu respeito.

\*  
\* \*



O "reino das Náiades", de MARTIUS, com a sua fisionomia própria, teria forçosamente de influir na fácies da vida, com as acentuadas relações deterministas, dos tipos animais e vegetais da região.

Na Amazônia, pelo que acabamos de expender, falando desse mundo de águas, florestas, luz, umidade e fartura natural, tem a sua ecologia característica, para definir o homem que aí está alimentando, com o seu potencial de energias, o prestígio do Brasil-Norte.

Na expressão de ARAÚJO LIMA (*Amazônia — A Terra e o Homem*, pág. 91) não é nem inferno, nem paraíso, referido pelos literatos da geografia. Não menos a terra hostil, no pensamento de BUCKLER, terra imprópria para a vida humana. Mas, uma planície em que a braveza do solo virgem é dominada pelas reações do habitante, como do ádvena.

O homem da Hiléia, de HUMBOLDT, está plasmado na sua fisionomia moral, na sua psicologia, nos seus gestos e movimentos, pela fisiografia e climatologia da sua terra. É o que veremos nas linhas a seguir.

### TRAÇOS PSICOLÓGICOS

O determinismo geográfico, como influência fatal do ambiente, haveria de criar, como criou, uma psicologia própria do homem amazônico. E ninguém poderá negar que sua vida simples, desconhecendo os recursos das reações contra esse determinismo, está moldada à suas necessidades materiais, morais e sociais.

No seu gênero de trabalho, defronta a natureza, com sua pujança. São as florestas e os rios os reservatórios inexauríveis dos recursos, que fizeram, em primeiro lugar, do habitante da Amazônia um "extrator", um "pescador".

Desde que nasceu ou desde que se localizou, esse homem se habituou a contar com os produtos das "safras" de borracha, da castanha, da madeira, das fibras, da salsa, do pirarucu etc. É um sonhador de colheitas abundantes e de preços elevados, que nem sempre chegam.

Passam-se anos, nessa esperança ou nessa ficção econômica, descuidado de lavrar a terra, senão numa quantidade mínima.

Vivendo na sua palhoça, cercado da mulher e dos filhos, o caboclo nativo ou o nordestino adaptado, é a um tempo, caçador, pescador, extrator, agricultor e criador. Fabrica a "montaria", (canoa) em que tem de viajar, no labirinto das águas que o cercam. Sua atividade se dilui na complexidade de tantos serviços, porque no isolamento, desconhece a "divisão do trabalho", que somente pode ter lugar nos agregados humanos, quando se definem as profissões, pela capacidade dos indivíduos.

Geralmente, na hinterlândia amazônica, não existe a ambição da riqueza.

O aborígene olha com indiferentismo o confôrto alheio. Não lhe faltam a mulher, a montaria, os utensílios de pesca e um pouco de farinha, e tudo vai muito bem. Sua felicidade, dentro desse pequeno mundo material, é muito relativa, mas, no seu íntimo, completa.

Não possui o hábito da previdência. Não guarda para o dia seguinte. Come, estraga, presenteia, visto estar certo da fartura contínua que lhe oferecem as florestas e as águas.

Quando incomodado por um vizinho, não hesita abandonar a casa e as fruteiras que a cercam, para procurar outro local ao longe e, aí sempre à beira do rio ou do lago, abrir novo sítio. Para a sua nova residência, as matas lhe



oferecem gratuitamente, todo o material: os esteios, os caibros, a palha e os cipós com que atraca sólidamente o madeirame, a cobertura.

O espírito de solidariedade domina o homem amazônico. Nunca êle faz sozinho uma obra que demande maior esforço e tempo. Convida, para levá-la a efeito, os seus amigos e parentes.

É o "ajuri" ou "puchirum". Trata-se da derrubada de uma floresta, para o plantio de uma roça; deseja-se construir o barracão da festa, limpar o cemitério etc., todos se acham a postos, trabalhando gratuitamente.

Interessante se ver e ouvir essa gente, homens, mulheres e crianças, no momento do almôço ou do jantar, na sua expansão de cordialidade. Todos falam, gesticulam e riem, contando suas histórias, trocando suas anedotas.

A alma do sertanejo da grande planície é aberta à sensibilidade, fato que se observa quando lhe morre um parente ou pessoa dedicada. Negamos a ingratidão que se lhe atribui, por causa do seu manifesto retraimento. Registam-se casos de abandono da velha residência e propriedade de uma família, porque ali falecera seu chefe. A mulher e os filhos mudam-se, visto não suportarem, dentro daquele ambiente, naquela casa erguida por mãos do finado, a lembrança triste de todos os momentos.

Não se proclame o amazonense um grande e persistente trabalhador. Ao contrário. Êle é amicíssimo de sua comodidade resultante de sua desambição. Prefere embalar-se na sua rêde e tomar o seu mingau, do que enfrentar o calor do sol a pino, plantando ou limpando a roça. O dinheiro não o seduz.

Alguma cousa de singular é a resignação do habitante da Amazônia. No sofrimento, não se queixa. Tem acanhamento de gemer.

O gemido, para êle, é uma fraqueza dalma, uma demonstração de inferioridade da espécie.

Acovarda-se, porém, diante das epidemias. Foge para muito longe e tem razão, porque sabe que o contágio lhe é fatal, exterminante.

O amazonense gosta do progresso. Raro aquêle que não manda seu filho à escola, desde que esta não fique muito afastada da casa paterna. A prova desta assertiva se vê na grande freqüência escolar, no interior do Estado. Aberta uma casa de ensino, o caboclo não espera o convite do professor ou a intimação da autoridade, porquanto êle vai, pressuroso, matricular suas crianças em idade escolar.

Devido a esta circunstância, muito limitado é o número de analfabetos nas localidades servidas de escolas. O recenseamento, que se acaba de concluir, prova-o de sobejo.

No estado rudimentar de inteligência, que oscila entre os elevados princípios da religião de Cristo, vagamente apreendidos, e um panteísmo que vem do ambiente e de uma herança de preconceitos, as superstições, as crendices pululam e têm uma grande ascendência no espírito do caboclo.

As águas possuem iaras, botos que se transformam em rapazes elegantes, cobras grandes, navios fantásticos, que aparecem iluminados nos singrais das enseadas. As florestas são moradas dos curupiras, dos mapinguaris.

Semelhante fase dilucular da inteligência, aliás inerente à infância de todos os povos, é revestida de uma grande sinceridade, que vai desaparecendo à proporção que o caboclo recebe a luz do ensino.

Um dos traços característicos dessa gente é a desconfiança. O lôgro faz romper todos os liames da antiga lealdade e nunca mais se solidifica a boa-fé, nem nos negócios triviais.



Nas suas transações o sertanejo da planície procura tirar o máximo proveito, exige o mais que pode, mas, geralmente, é espoliado, sem sentir, pelo regatão ambicioso e esperto. Basta acenar-lhe com uma garrafa de cachaça.

Quem escreve estas linhas viveu alguns anos no interior do Estado e teve ciência de muitos casos fatais de afogamento, por motivo de alcoolismo. Hoje, diante das restrições das vendas de bebidas etílicas e da propaganda que o governo vem realizando, êsses desastres diminuem sensivelmente.

É admirável o poder de percepção artística dos amazonenses. Cada um sabe tocar, de oitava, um ou mais instrumentos, principalmente o cavaquinho. Uma peça musical, tantas vezes extensa, é "apanhada" e, horas depois, está sendo repetida.

O desenho é trivial. A caligrafia perfeita, muito comum.

Já, linhas atrás, aludimos ao fato de não haver pressa, no interior do Amazonas. Mede-se o tempo, como se mede o espaço, sem a menor preocupação de vencê-los.

A alma do tapuio, como a de todos aquêles que foram dominados pelo ambiente amazônico, reflete a lentidão com que os rios deslizam na planície ou melhor a letargia dos seus lagos... Ao recolher a coleta censitária todos os agentes recenseadores notaram a falta de noção de tempo, no preenchimento e devolução dos boletins censitários.

Uma outra face da psicologia do amazonida é a liberalidade, diante das necessidades alheias. Não sabe recusar a um pedido o resto da farinha e do peixe de sua provisão.

Compreende a caridade na sua maior amplitude, no transbordamento da afeição ao próximo. Jamais se ouviu dizer que negasse agasalho, hospedagem ao viajante que, tantas vezes, abusando dessa riqueza de coração, lhe toma conta da casa e dos trastes.

Não consente, todavia, que o sentido da tolerância lhe penetre nos umbrais da honra.

Quando se houve contar que o caboclo esbordoou ou matou alguém, já se desconfia que êsse alguém ofendeu a dignidade de sua família.

Em síntese, a alma do homem da Amazônia é um misto de inteligência e de energias latentes, que a civilização aproveita, como boa semente; é um complexo de bondade e tolerância, que a religião cristã desdobra em virtudes apreciáveis.

## OS HORIZONTES DA CAPACIDADE E DO TRABALHO

*O sentido da profissão* — Já fizemos notar que as atividades do homem da planície estão condicionadas no âmbito das florestas e das águas. Essas atividades decorrem das riquezas que em ambas se encontram, assinalando o primeiro passo da vida econômica, isto é, o aproveitamento dos recursos espontâneos.

Pesa sôbre o habitante da região a pecha de preguiçoso. A assertiva não é verdadeira. Quem acompanhou de perto as ocupações do autóctone ou do ádvena adaptado, verá que ela se desdobra, em cada época do ano, em vários setores, num resultado aparentemente dispersivo.

É hábito de toda gente da zona rural, levantar-se antes do despontar do dia, sobretudo no verão. As mulheres dirigem-se à cozinha para preparar o café ou mingau. Os homens dispõem seu material de pesca, alimentam-se, embarcam na sua "montaria" e seguem para os lugares de maior fartura. Antes do sol se erguer bastante, regressam com o alimento. Depois, passam para os misteres



da roça, quase sempre situada perto da própria residência. Desde a derrubada e queima da floresta virgem, até a colheita do produto, vencendo a inclemência da canícula, o homem esgota o seu dia. Recolhe-se então ao seio da família. E, muitas vezes é acompanhado por esta, nos trabalhos da pequena lavoura. Cansado, procura sua rede e dorme cedo. Às nove horas da noite, todos repousam para as cinco, do dia seguinte, estarem a postos.

O homem, que dias antes era "pescador" e "roceiro", passa a ser "extrator" de castanha (castanheiro), borracha ou seringa (seringueiro), balata (balateiro), madeira (madeireiro) etc. tendo cada um destes produtos sua época apropriada para a colheita. Uns no verão, outros no inverno.

Quando a região contém seringais e castanhais, sendo a colheita daqueles no estio, e destes na época das cheias ou transbordamento dos rios, o trabalhador reparte o seu tempo e faz as duas "safras". No caso contrário, quando aquelas espécies vegetais vivem em zonas bem afastadas, o castanheiro não se torna "seringueiro", e sim pescador. Realiza a salga do pirarucu, e do peixe-boi às margens dos lagos, no seu "tapiri", barraquinha de palha onde descansa durante a "salga" ou época da pescaria.

De outras vezes, é a caçada, para obtenção de couros e peles, alternando com a colheita da castanha ou da borracha. Poucos são os que se entregam exclusivamente à agricultura ou à criação.

O sertanejo da Amazônia é um faz-tudo. Claro que nos referimos ao caboclo. No dizer pitoresco da planície, "êle arremedeia a vida, conforme suas necessidades e os recursos naturais". Vemo-lo construindo a casa em que mora, plantando o seu sítio e fazendo a "montaria" ou a "igarité" em que se transporta. Vemo-lo, ainda, cooperando no "ajuri" dos seus parentes e amigos. Também em serviço dos regatões e dos jangadeiros: é "remador" e "serrador".

A natureza, no seu determinismo inevitável e na complexidade dos seus recursos, atua nas preferências econômicas do indivíduo, ditando-lhe disparidades de ocupação. Vai, no momento, para onde a recompensa é mais tentadora. Trabalha com inteligência.

É lendário o conceito de que o nativo da Amazônia se deixa esmagar pela pujança do meio físico, pois, há uma nota de capacidade mental nas obras que realiza, qualquer que seja a profissão que adote, ainda que momentânea.

Na sua qualidade de pescador, todos admiram como o caboclo apanha a tartaruga, quando esta sobe os rios em demanda de uma praia, para a desova. De arco e flecha, não erra o alvo, levadas em conta a distância, a parábola provocada pela gravitação, como a força do vento na sua pressão lateral. Nas águas claras, o peixe é avistado a alguns decímetros de profundidade. A flecha do pescador, descontado precisamente o ângulo de refração dos raios solares, na ocasião do arremêso, também não se desvia do seu objetivo.

A balística, para o homem da hinterlândia, é uma ciência natural. Desde menino, manobra o rifle e a espingarda. Raramente perde uma bala. O caçador conta o número de "embiaras" a apanhar, pela provisão de tiros que leva nos seus embornais.

No exercício da pesca é que mostra maior capacidade de realização, no iludir e surpreender as espécies mais sagazes. Um estranho à arte não apanha o peixe-boi ou a tartaruga, nos lagos; aquêle a arpão, e esta a anzol.

O caboclo, no exercício de qualquer ocupação, mostra uma resistência de ferro. Subalimentado ou comendo insuficientemente, é capaz de remar dias consecutivos, tendo apenas, repousos insuficientes. Admiramo-lo na movimentação de grandes pesos, nas descargas dos navios, no interior do Estado. Fazem-no, como brincadeira, ao subir os barrancos escorregadios dos "portos dos barracões". Raro um acidente.



*O isolamento do trabalhador* — A Amazônia é uma das terras mais despovoadas do globo. Veja-se a densidade nas três porções, que a constituem, segundo o último recenseamento nacional (1940):

	<i>Amazonas</i>	<i>Pará</i>	<i>Acre</i>
Superfície .....	1 823 997 Km <sup>2</sup>	1 362 966 Km <sup>2</sup>	148 027 Km <sup>2</sup>
População .....	453 232 hab.	956 870 hab.	81 326 hab.
Densidade .....	0,25	0,70	0,55

Ao contrário do que se verifica em outras regiões, o homem rareia nesta parte do Brasil. E, se forem descontadas as populações urbanas, para serem levadas em conta somente as rurais, então aquela densidade é surpreendente. Justifica-se a afirmativa de “deserto”. Como se depreende, o sertanejo vive aí isolado, espécie de intruso, considerando-se os imperativos de ordem econômica, quer nos castanhais, seringais, balatais e outras explorações das florestas, quer nas águas.

“Terra deserta, disse ARAÚJO LIMA, terra a ser povoada. Afigura-se muito agressiva e indomável. Não há, em verdade, uma agressividade específica e característica da terra; o homem é que se torna muito vulnerável pela insuficiência numérica. Não está em causa a qualidade da terra, mas a quantidade da gente”.

Esse isolamento não é insociabilidade, mas condições da vida econômica. Realmente, o seringueiro tem a sua “estrada”, na floresta. Vive só, no seu tapiri, quando não acompanhado da mulher e dos filhos menores. É, neste caso, ainda o isolamento da família. Repete-se o fato com o castanheiro, com o pescador, caçador etc. Embora temporário, enquanto dura a safra, o segregamento deve produzir na alma do caboclo ignorante ou semi-selvagem, um pantêismo esmagador, do qual surgem as lendas, a credice nos mitos da terra bárbara e inculta.

A profissão do extrator e do regatão gera-lhe o nomadismo. Um fato, que observamos, durante cerca de oito anos, quando servimos o cargo de diretor geral da Instrução Pública do Amazonas, nos revela esse imperativo da vida econômica: a diminuição considerável de frequência escolar, nos meses do verão (julho, agosto e setembro). Os pais, seguindo para os lagos de pesca ou para os seringais, levam os filhos para ajudá-los. As escolas quase ficam abandonadas, para se reencherem no começo do inverno. Saem do isolamento de suas choupanas para um isolamento ainda maior, o das florestas ou lagos centrais.

Não se trata unicamente de uma contingência, mas de uma satisfação, visto que o caboclo, sem ser um misantropo, não detesta a solidão.

Se a população da Amazônia é muito disseminada, amoldando, no perfil moral dos seus elementos, algo de psicológico, encontra sua explicação na própria decorrência do meio em que habita.

Os interesses coletivos, em outras terras, agregam os indivíduos, em cidades, vilas ou povoações. Na Amazônia, como um paradoxo, desarticulam, para que cada homem ou família, no seu “sítio” viva e triunfe melhor. De modo que as concentrações humanas, em vez de constituírem a regra, se tornam fenômenos esporádicos ou meras exceções.

O contacto com a vastidão desabitada gera as atitudes do retraimento, mas não anula o gosto das expansões sociais, da inteligência e dos sentimentos.

O caboclo, quando vem à cidade, conversa longamente, despreocupado do tempo de quem o escuta. As suas massadas não se prolongam por mais dias,



porque as saudades do interior o chamam sem demora. E, nada o detém no bulício da *urbs*.

*O homem das cidades* — Fora das capitais, não existem grandes agrupamentos. As sedes dos Estados são tentaculares, com seus recursos e seus atrativos. Assim que o negociante, o industrial ou o latifundiário consegue economizar alguns milhares de cruzeiros, ruma imediatamente para a capital, onde localiza a família e educa os filhos.

Torna-se aí “negociante da praça”, “aviador” ou simples capitalista. Conhecemos numerosos casos em Manaus e em Belém.

As sedes dos municípios, com exceção de pouquíssimos, são miseráveis aldeamentos, onde tudo falta, alguns não passando na gíria regional, de “portos de lenha”. O homem dêesses núcleos, onde em geral não há senão uma ou duas casas de comércio, nenhuma farmácia e apenas uma escola sem prédio, sem mobiliário e sem professor competente e equitativamente pago, é bisonho, com todos os seus hábitos e costumes da “povoação” e do “sítio”. Não vale habitar nesses lugares, uma vez que os recursos do seringalista ou do proprietário de outros latifúndios em valiosa exploração, permitam subsistir na “cidade”. Viver na cidade é o sonho.

Para compreender melhor a situação precária do homem dêesses burgos dignos de piedade, basta dizer que elas não são centros de abastecimento de mercadorias, nem pontos de convergência dos repectivos municípios.

Os aviamentos fazem-se diretamente das capitais para os barracões de comércio, em plena zona rural, à margem dos rios e dos lagos.

Êsse fato explica a modorra de tais cidades e o desânimo dos seus habitantes.

O hinterlandino desabitua-se ao calçado e ao paletó. Trai-se pelo próprio andar. Mas, logo sua adaptação é radical. Integra-se no “feito” da gente cidadina e civilizada.

Branços, pretos, mulatos e caboclos, amálgama de cruzamento de três raças, a população das cidades amazonenses não tem características distintos da gente de outras do Brasil. Se bem que uma grande porcentagem de analfabetos ainda se movimente no seio das capitais nortistas, vamos encontrar nelas uma *elite* cultural apuradíssima e trabalhadora. Não nos domina, isto afirmando, preocupações de regionalismo, porque consideramos a ciência, com as suas verdades, enobrecedoras ou deprimentes, muito acima de quaisquer preconceitos.

Para comprovar aquela assertiva, vejam-se os diários, as revistas e livros que aí se publicam. São reflexos de uma intelectualidade, que se apurou por si mesma, no trato das relações sociais, *intra e extra muros*. A quantidade de jovens, de ambos os sexos, geralmente preparados e que se inscrevem nos concursos também dão a idéia dêesse adiantamento.

Devemos registrar, no recorte dêesse perfil, a solidariedade de sentimentos que caracteriza essa gente. O amazonense é muito piedoso. Prova-no o êxito das iniciativas em prol da assistência social. Prova-no, ainda, a satisfação com que, mesmo os mais pobres acerbam e amparam os seus semelhantes, no momento das suas dores físicas ou morais. Baseadas nesse estado dalma, vivem várias sociedades de filantropia. O fervor patriótico também chega à exaltação.

Não há preconceitos de posições, de raças ou de côres. Uma perfeita compreensão da democracia. Mesmo ao tempo em que o partidarismo político dividia as idéias, não conseguia dividir os homens.

A tolerância é outra nota eloqüente no caráter do cidadão. Provenha da educação cristã ou do citado espírito de solidariedade constitui, como não há



tão largo em outra parte, uma das virtudes entre comerciantes, capitalistas, funcionários e operários.

Raras vezes se vê um protesto de letra, uma falência e um desfôrço físico. Espera-se ou perdoa-se não resultando, desta disposição de ânimo, repetidos abusos.

Para comprovar essa decorrência da fraternidade, vejam-se os anais da Polícia e as estatísticas judiciárias. No interior, as delegacias policiais e as comarcas são entidades mortas. Os respectivos titulares não têm o que fazer.

#### MENTALIDADE DO CABOCLO: LENDAS E SUPERSTIÇÕES

Temos, algumas vezes, neste trabalho, escrito a palavra *caboclo*. De propósito deixamos sua definição para esta página. Trata-se do homem da região, autóctone talvez, de compleição robusta, côr entre o bronzeado e o azeitonado, cabelos lisos e duros, pobre de barba, provindo dos antigos selvagens. É o índio que se afastou da tribo, tornou-se menos nômade, constituiu família, aprendeu a falar o português e vive em seu isolamento, cada família em seu "sítio". Conserva ainda alguns dos velhos hábitos dos seus antepassados. E, em certas localidades, como no rio Negro e em Maués, sabe falar o *nheengatu* (língua geral). É exímio pescador. Na fase dilucular do seu pensamento, está arraigada uma boa parte das superstições e das lendas dos seus maiores. A sua crença religiosa, recheia-se de panteísmo. Como acredita em Deus e nos Santos, também nos encantamentos das águas e das florestas. Há entidades malélicas e outras benéficas.

Para o caboclo, cujas idéias ainda não se acham libertas dos mitos primitivos, existe o "curupira, duende das florestas, ser perigoso que desorienta o caçador, bate nas sapopemas (raízes adventícias da samaumeira, em forma de tábuas), dá gritos horríveis nas noites silenciosas e deixa pegadas nos chavascais. O caçador nunca o vê, mas sente a sua ronda... Em família, quando não há pessoas estranhas, comentam-se as façanhas dêsse *homi* singular. Mas, o caboclo mais atilado, envergonha-se de confessar que acredita nêle. Apenas afirma: "Dizem que há".

O "mappinguari", de tamanho agigantado e aspecto horrendo, é outra ficção florestal. Diverte-se em assustar o caçador ou extrator que corre, deixando a caça ou os frutos colhidos. De forma humana, o mateiro encontra-lhe os rastros, mostrando pés de dois palmos.

A "iara", a "mãe d'água" e outras entidades mitológicas vão desaparecendo da credence do indígena semi-civilizado. É natural, porque à proporção que a inteligência se esclarece, enfraquecem-se e anulam-se êsses vestígios do obscurantismo primevo.

Todavia pululam, na mentalidade do verdadeiro amazonense, milhares de abusões. Para tudo, há uma atenuante, um remédio, um recurso. De uma feita, viajávamos numa pequena embarcação de remo, atravessando um lago. Formou-se um temporal. O horizonte, para o lado do leste, escureceu. Começou a faiscar. O caboclo, que estava à proa, lança mão de terçado e traça, no espaço, rumo do nascente, um sinal cabalístico. Que é isso? — É o "sino-simão" (signo de Salomão). E para que serve? — Para evitar que o tempo passe por aqui! Mas, minutos após, a ventania desabava. — Ponderamos que, apesar de se haver feito, com antecedência, o "sino-simão", não se tinha evitado o fenômeno aéreo. E, então, retruca o caboclo: — Se não fizesse (o sinal), o perigo seria muito maior... Esta conjura é bastante usada.



Seguem-se outras superstições, como as seguintes, dentre centenas: Ladram os cães, incessantemente, à noite — Para fazê-los calar, o dono da casa vira para o ar o solado de seus chinelos. Necessita-se de vento, para, em viagem, enfunar as velas, o interessado sopra uma busina e chama por São Lourenço. Deseja-se que as fruteiras dêem grandes cargas, atiram-se, sôbre elas, na noite de São João, pedrinhas das praias. Quer-se que a visita não se demore, vira-se a vassoura atrás da porta. E, assim por diante, sendo muitíssimas as de fundo religioso e medicinal, cujo catálogo seria fastidioso enumerar.

Êsses traços de mentalidade do caboclo revelam bem o grau em que seu poder imaginativo se eleva, oscilante entre a ficção rudimentar dos seus avós e a verdade dos fatos, para a qual êle avança lenta, mas seguramente.

ARAÚJO LIMA não acredita no progresso espiritual do índio. Diz que é infiltrável à impregnação civilizadora. Mas, referindo-se ao caboclo, afirma: “No campo da evidenciação prática, o caboclo amazônico é capaz dos mais arrojados feitos em face da natureza, dentro da qual se desenvolve, enfrentando-a galhardamente. Essa capacidade não se presume apenas uma potencialidade de suas ações: muitos a evidenciam na coragem, na intrepidez, na audácia tantas vêzes demonstradas e emparelhadas dignamente às apregoadas qualidades da bravura nordestina dentro neste meio áspero e bravio.

Essa virtualidade é o segredo de uma disfarçada reserva de nobres atributos mal suspeitados. Falta-lhes, aos amazônicos natos, aos caboclos malsinados, o contacto civilizador, o exemplo, a imitação, o treino, a instrução, a educação mental, a civilização, numa palavra, mas exercida através dos homens e das gerações (*Amazônia — A Terra e o Homem*, pág. 143).

### O NORDESTINO ADAPTADO

Vale uma epopéia o relato das retiradas dos sertanejos do Nordeste brasileiro, sua fixação e adaptação na Amazônia. Tantos são os gestos de heroísmo, de sofrimento, de abnegação, de resistência física dessa gente, que caldeara sua alma nas calamidades dos estios e nas esperanças de invernos regulares. A angústia de espaço não nos permite entrar na apreciação da tragédia.

Foi a contingência que fêz do nordestino um forte, na expressão de EUCLIDES DA CUNHA, e foi ela também, num “salve-se quem puder”, que o compeliu para a Amazônia.

Na leva contínua ou interrompida da gente escorraçada, avultam o cearense e o pernambucano. Homens habituados a meio semi-árido, lidando nas suas “caatingas” ou nas baixadas das serras, plantando ou criando, amoldaram seu pensamento nas conjecturas das colheitas duvidosas e nas façanhas dos seus antepassados, façanhas que êles relatam com ufania gloriosa.

Enfrentando a natureza inclemente, fazendo a planta medrar em solo adusto, dominando o touro bravio, combatendo a onça nas próprias furnas, não receiando os cangaceiros, o sertanejo nordestino é um tipo psicologicamente *sui-generis*, na valentia, que lhe é familiar em terra, como no mar, quando, metido na sua jangadinha, afronta e vence a fúria das ondas.

Vir para a Amazônia é a salvação. É fugir à calamidade e tentar fortuna. E, os nordestinos, cegos pela resplandescência do seu sonho, como novos argonautas que procuram, no desconhecido, o seu velocino de ouro, aqui chegam e encontram um meio físico muito diferente do seu. Lá, o solo pequeno e acidentado, em grande parte carrasquenho, duro e sáfaro. Aqui, na grande planície, a terra imensa, baixa, frouxa, invadida pelas águas, fertilíssima, quase desocupada. Lá, vastas porções desflorestadas, semi-desérticas ou apenas arbustivas,



sêcas e causticadas pela canícula. Aqui a floresta compacta, sombria, franjada pelas "pestanas" das margens dos rios. Água por tôda parte, em todo o tempo, na terra e nos ares.

O nordestino deve experimentar, na mudança, a influência dos contrastes, a mesma do argeliano ao ser atirado, dentro do seu continente, para as florestas do Senegal.

Alma retemperada nos antagonismos dos estios calamitosos e das invernadas benfazejas, o nosso patricio, depressa, se adapta. Que o diga CRAVEIRO COSTA, na *Conquista do Deserto Ocidental*. A luta é tremenda. O homem de aço termina vencendo, embora obrigado a mudar de atitudes. Na sua terra, cavalga o potro esperto, agitado, sôbre o qual traça as chapadas, as caatingas, os vales. Na Amazônia, entra na "montaria" (canoa pequena e estreita), na qual aprende a equilibrar-se e a viajar nos igapós, nos lagos e nas correntezas etc. É o seu novo cavalo. Ao fim de seis meses de ensaios, o "brabo" está adaptado ou ambientado. Já sabe pescar, caçar, percorrer sôzinho a vastidão dos seringais e dos castanhais. Lenheiro, tarefeiro, caixeiro etc., é o tipo do trabalhador, que ambiciona um "saldo". Por sua diligência e tenacidade, muitos prosperam.

Mas, um pensamento persiste na geração que chega: é, um dia, retornar ao Nordeste, ao seu vilarejo natal, visão acariciadora que os acompanha, tantas vêzes, sem que se realize.

As casas em que alguns residem, pelo espaço de vinte, vinte e cinco anos, e, mesmo trinta anos, devido a essa idéia, são consideradas, por elas, como acampamentos provisórios. "Para que cultivar a terra que, "amanhã", teremos de deixar, quando tirarmos o nosso saldo e no Ceará chover?". É a reflexão que lhes ocorre.

A geração sobrevivida à dos desbravadores, melhor "amazonizada", não tem mais a preocupação do regresso, não mais a inquieta saudade do sertão em flor, da fartura deliciosa dos invernos. Seus rebentos não são mais "retirantes". Afixam-se definitivamente, indo ao Nordeste apenas para conhecer a terra dos seus avós, os seus primos e demais parentes, e trazer êstes para os ajudar, nos seringais, nas fazendas de gado, nas casas de comércio, de indústria etc.

Não é exagêro supor-se que um têrço da população da Amazônia, mais acentuadamente no Acre, é composta dessa gente que sofreu, resistiu e venceu a disparidade do clima e do solo, concorrendo para que a "terra imatura" mais depressa progredisse e engrandecesse o Brasil.

Os descendentes dos nordestinos, na planície, perderam o hábito da bravata. Os bandoleiros não medram na Hiléia. Qualquer que nela assente arraial, tem que modificar sua visualidade de ânimo: porque ninguém apoiaria o cangaceirismo, planta exótica e malsã, na região em que a floresta é esconderijo para o caboclo e para o índio, e muralha para o adventício.

Uma diferença temos a registrar entre o natural e o nordestino adaptado: enquanto aquêle espera que o progresso lhe chegue, êste vai logo ao encontro do progresso. Em volta do "sítio" do primeiro, um pequeno espaço, com algumas fruteiras irregularmente dispersas; em volta da casa do segundo, o campo de criação — a fazenda — ou o pomar bastante amplo.

As duas almas, embora na mesma terra, guardam, um propósito que vem do passado, o sentido de atingir, cada qual, em passos desiguais, o seu ponto de vista.

O caboclo prefere, a tudo, a sua tranqüilidade, o seu *dulce far niente*. O adaptado, a prosperidade, a ventura de um dia vender ou arrendar "tudo aquilo", e morar na cidade.





## AVISO

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas. O uso destes documentos é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais - [Lei nº 9.610/98](#)). Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõem a rede de bibliotecas públicas do Estado do Amazonas.

EMAIL: [ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM](mailto:ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM)

Secretaria de  
**Estado de Cultura**



CENTRO CULTURAL DOS  
POVOS DA AMAZÔNIA